

leite crioulo

Suplemento do
ESTADO DE MINAS
numero XII



direcção de
João Dornas Filho,
Achiles Vivacqua
e Guilhermino Cesar

Do pequeno escritor Olavo Augusto Maia ao poeta Alberto Agostini

Uma das figuras mais interessantes de Belo Horizonte é a de joven poeta Olavo Augusto Maia, servente da Secretaria das Finanças e rouxinol nas horas de folga. Este nosso amigo jazia no esquecimento, até que, em principios deste anno, foi descoberto pelo sr. João Alfonsus. Sempre na attitudede erecta dos grandes omens, que costumam dominar as multidões com uma simples olhadela e que trazem no bustante a convicção serena de que pairam espiritualmente acima do proximo — o arrojado poeta Olavo Maia passa sereno pela vida...

Chegou, em certa época, inocentemente, bem certo, a duvidar da orthographia do proprio sobrenome, confundindo Maia com malha, como naquelle caso do irmão do cômendador, que só o Henrique sabe contar. O irmão se chega docemente ao cômendador e lhe pede cômovido: — Me dá uma paia. O cômendador trovejante diante daquella ignorancia do mano, advertte-o: paia, não, seu burro, palhal. Então chegou a vez do camarada raciocinar: Ora, si é palha e não paia, claro está que o meu sobrenome é palha e não maia.

O pequeno escriptor Olavo Maia é um c o interesante nas letras patrias. Não podendo dominar o vulcão desordenado que a custo sopita nalma, a gente advinha e vê transparecer nos seus versos, frutos de um espirito que ainda não se acercou das aguas lustraes da cultura, qualquer coisa de emotivo e de interessante.

Em Cataguazes ha o exemplo de um poeta, a quem se deve fazer justiça, recentemente; em certos momentos, beleza nos seus versos, cuja sinceridade intensa chega mesmo a extravasar deles, ferindo os nossos sentidos e clamando mais um pouco de atenção e de maior boa vontade. (Guilhermino Cesar).

Trata-se do poeta Alberto Agostini que, a par da falta das aguas lustraes a que me referi acima, luta com a dificuldade maior de desconhecer quasi que por completo a lingua portugueza. E o esforço que faz para aprender a nossa lingua é tão grande que chega a cômover a gente. Ainda ha pouco, quando fui ver Cataguazes, tive occasião de visitar aquêle poeta no Hospital; onde estava se curando de ligeira enfermidade, que a imprensa maldosa taxou de "um desarranjo na sua endocrinologica economia". E tive occasião de ver sobre o seu criado-mudo o dicionario portuguez, do qual vai se servindo para a grafia de certos vocabulos que ignora. Enquanto este se preocupa com dicionarios e gramaticas, o pequeno escriptor, mais libertario, despreza esses canones e canta livremente, como um gaturano solto na aragem...

Tudo isso significa esforço e boa vontade que devem ser levados em conta. E é interessante verem-se esses arroubos liricos no poeta já decrepito. E, como ele proprio afirma, o resultado do levantamento de uma inspiração latente. Do poeta Alberto Agostini muita coisa se aproveita. No seu

celebre "Soneto Emocionante", soneto composto de quarenta e dois versos ele, que é sapateiro, canta:

"Ao bater do martelo os meus versos canto."

E mais adiante:
"lembro-me das tuas palavras:
Registradas estão e archivadas na historia da vida!

Escriptas estão na minha alma e no meu coração com a penna de ouro da minha alma!

E com as lagrimas que banharam meu rosto.
E com o sangue que atravessa as minhas veias, manso".

O pequeno escritor Olavo Maia, que se intitula escritor só pra tapear, pois que não aspira ir alem de poeta é mais confuso, por mais inculto.

Emquanto o meu amigo Alberto Agostini, fazendo versos entre vidros de remedios no Hospital, tenta, como ele me disse, escrever um poema em prosa classica, o pequeno escritor, abandonando essas questões de classicismo, escreve coisas gostosas assim:

"Papagaio de penna verde
Altos mysterios de Deus
Toda casa velha tem rato
Só morre quem Deus é servido."

Por isso tudo vocês avaliem do que é capaz a sensibilidade desse vate, que tem sido tão divulgado pelo "leite crioulo".

Apresentado ao illustre poeta pelo meu amigo João Alfonsus, que, por ser seu incondicional admirador caiu nas suas boas graças, o joven bardo me cômunicou qualquer coisa a respeito da sua ultima producção, que batisou com o suggestivo titulo: Canção da Rama Literacta, canção esta que não transcrevo aqui porque não resisto á tentação de mostrar a vocês a sua poesia "Flor do Bem que me atraiu" e que é a sua canção de noivado, pois que tenciona contrair nupcias, dentro de um mez, realizando assim o seu sonho, por que suspira e anseia. E' bom salientar que, os seus amigos, num gesto cavalheiresco, resolveram abrir uma subscrição afim de se comprar um anel de poeta para o talentoso bardo.

A canção é esta:
"Olhos que me atraiu
De tão grande felicidade,
Como resucitou a minha alma
Da esperanza mais esprendida!

Sinceras palpitações
De um amor tão querido
A' nossa felicidade
E' um enlace matrimoniar.
Suspiros do meu bem amado,
E' tão puro minha existencia;
Tão lindo são os teus olhos
Que brilham nos meus passos atrahente.

Olhos que decóra no meu cerebro,
Olhos que palpita na minha vida;
Lindos pretos e vacnantes
Estes teus olhos que me faz trovador".

Era o que eu tinha a dizer dos dois poetas, neste rápido ráide de um ao outro...

Belo Horizonte, 929.
OSWALDO ABRITA.

ficha 15.304

D. Quininha tinha um menino, tinha um menino D. Quininha, que toda vez que os vizinhos falavam [nelle]

D. Quininha dizia que ninguem tinha um menino como ella tinha.

Era vivo, travesso e tão ladino que furtava dos vizinhos e D. Quininha dizia que não era elle.

D. Quininha então virava os olhos e [dizia:
— Ha de estudar pra politico!

E o menino de D. Quininha cresceu. Então no carnaval o menino de D. Quininha roubou 300\$000 na repartição. Pra poder entrar no bloco "Sofra, que [eu choro".

E vae o menino de D. Quininha é [preso.
E condemnado. Tem o n.º 15.304.
Palpite pro bicho que elle joga todo o [dia no xadrez.

E os vizinhos de D. Quininha ainda [dizem
que ninguem tinha um menino como D. Quininha tinha.
João Dornas Filho.

jornalzinho critico, humoristico e noticioso

Dizem muito bem da
a) — ignorancia musical do professor Guanabarrino.
b) — máquina "piano interpretativo", do gramatico Carlos Góis.
c) — attitude de puro desprezimento do srs. Guilherme de Almeida, Menotti e Cassiano, entrando para a Academia Paulista de Letras.

raça

"O sr. Antonio Carlos, que vem apaixonadamente se dedicando por tudo que se relaciona com a grandeza do Brasil, maximé, ao Estado que lhe serviu de berço, quiz dotar este municipio, n'um gesto cheio de fé, com mais este melhoramento, prestando assim á saude de seus co-estaduanos relevantes serviços e preparal-os para a grandeza futura das elocubrações."
(Trecho de um discurso).

"Por amor já fui agredido e agredido por duas pessoas
Por amor já fui agredido e agredido traçoeramente.
Que me matem, que me tirem a vida,
Porque posso deixar de te amar.

Estrilho
Ai, ai, minha bella, tem dó.
Por amor já fui arrastado e arrastado e esbofetado — (bis.)
Intimado para que deixe de amar-te, sob pena de morte. (bis).

Estrilho — etc.
(Da modinha Amando e soffrendo)
O autor: Alberto Agostini. Musica: "tirada da modinha Por amor puzeram-me a bordo."

Segundo Congresso das Estâncias Hydro Mineræes

Francisco L. MARTINS FILHO.

(Enviado especial do "leite crioulo")
ARAXÁ, 15-8-929.

De todos os cantos do Estado vieram uns senhores, graves e de oculos. Alguns sem gravidade e sem oculos. Cada qual provou as innumeradas vantagens que traz o uso das aguas mineiras das cidades em que residem.

Conclusão logica. Exgottou-se o estoque de vinhos que havia em Araxá.

Um representante de Poços de Caldas fez uma inflammada oração. Pregando a democracia. De que, segundo elle, o Principe de C. les, Mussolini e Primo de Rivera são expoentes.

No dia seguinte continuou. Pregando ainda democracia. Disse que "o pobre é o inimigo das estâncias: as estâncias de aguas foram creadas só para os ricos".

Havia duas figuras interessantissimas no Congresso. Seu Anacleto, o contínuo, que não disse uma palavra. E um senhor de Poços de Caldas. Que fez dois discursos em italiano.

Ambos com desespero dos nacionalistas.

Um representante de Cambuquira leu um ligeiro trabalho. De 40 paginas. Dactylographadas.

Uma compensação. Fez graça três vezes.

Uma nova aptidão das pinças de Pean. Tirar o fumo da parte superior dos cigarros. Para que ele não venha á bocca.

E' descoberta de um illustre medico do Araxá.

Helio

Sol, olho de Deus,
que vagueas pelos céos,
tu um dia te enamoraste da Lua.
Namorada tua...
Beijaste-a,
e a Lua, envergonhada,
coitada,
vive fugindo de ti...
Essa Jacy...
Foi o Guarany
que a chamou de Jacy,
em vez de Lua.
Hélio, queres casar?
Quero ser tua madrinha
oh! Hélio enamorado,
extasiado ante a Lua...
Mas se a Lua,
coitadinha,
fugiu envergonhada,
Hélio, tólo, corre e péga a Lua
tua namorada...

Therça MARCHETTI

Instituto "Raul Soares" - Bello Horizonte.

capitulo Z

Nas florestas monstruosas jaguares dormitavam depois da alimentação forte. Os cipós brigavam pelo madeirame arriba. As aguas passavam passando sonoras pelos caminhos arentes e sombreados, jaguares dormitavam depois da alimentação forte.

Agora não quero sentir a respiração das ladeiras breves. Mas o grito das feras me embelêca porque vivo cagando recriminações para o espirito tolstoizado, meu Deus, de venturas obscuras em ruas cheias de pó, replenas de gente esfarrapada. Quero ouvir o resonar das feras, as patas recostadas quer despiar. O amor me interessa porque vejo nêlo o unico meio de encontrar o caminho florido, meus poetas de dezesseis anos, a morrer numa clareira embriagada e claridade.

Não ouvindo e não vendo as feras, eu não serei o gigante esperto e livre que preciso ser. Em cada canto me espreitam fantasmas terríveis e o olhar me tortura pegando nas primeiras rugas já bem á mostra.

Quero dormir saciado e feliz. Mas antes eu quero ouvir o resonar das feras e ver as patas recostadas com brutalidade na herba cheia de sol.

Do abc da sorte grande.

Guilhermino Cesar.

misced picklees brasileiros

INFLUENCIA RELIGIOSA

Os nossos selvagens, logo nos primeiros tempos do descobrimento foram visitados por missionarios, que procuraram cathechizar-os.

Foram tão proveitosas as lições de religião, que elles acabaram comendo o bispo Sardinha.

E dahi nasceu a desgraça de todos elles.

A CARTA DE VAZ CAMINHA

O escrivão da armada de Fedralvares Cabral foi o primeiro sujeito que enalteceu as nossas bellezas naturais.

Dahi por deante a moda pegou.

E até hoje não ha estrangeirinho que nos visite, que não sinta desejo de dizer banalidades lyricas sobre estes pedaços de patria amada e idolatrada.

A TRISTEZA NACIONAL

Hoje é que está convenientemente explicada a causa de nossa tristeza.

Os versos melancholicos de nossos poetas, os poemas lacrimijantes do sr. Cesmiro de Abreu, as modinhas funebres de nossas perenotas emfim toda esta immensa choromatina nacional tem uma causa: — a verminose.

As ingratidões, os amores tragicos, as paixões não correspondidas devem, de hoje em deante ser tratadas com a necatorina.

E para que haja entre nós menos poetas é preciso que a saude publica cure o povo.

ALBANO DE MORAES

bandeira

(Especial para "leite crioulo")

Gosto de vel-a eucta elegante
No alto de um mastro.
E' como si eu visse de repente
o ceo azul da nossa Patria
o verde lindo das nossas florestas
o verde soberbo dos nossos rios.
e depois,
o ouro que vem da terra
desta terra bendita
que nunca nos nega pão e agua
desta terra fecunda
que nos alimenta e nos orgulha.
O ouro desse sol magnifico
que doira a Terra
e faz apoteoses de luz!
Gosto de vel-a graciosa, risonha
balançada pelo vento...
Tenho a impressão de que o vento,
no beijal-a, é todo orgulho,
e ela,
Trapo Sagrado,
pedaço do nosso coração
Vaidosa de representar um mundo, —
um mundo de luz, de cor,
de vida,
de deslumbramento,
ela,
verde e amarela
Azul e prata
ela,
dançando ao vento,
nos ensina a amar, a adorar,
A terra bendita onde nascemos.
(Pará).

ENEIDA

BALADA DA TERNURA

As estrelas se abaixaram, meu Deus,
pra espiar a minha dor.

O sol se escondeu por detraz dos montes
pra não ver a minha dor.

As folhas dos caminhos silenciosos
se curvaram murchas,
lamentando a minha dor.

E aqueles olhos que choraram
por causa da minha dor?

Aqueles olhos, Senhor...

OSWALDO ABRITA

Leite Criolo. B.4.: 25 ago. 1929